

**MESA-REDONDA 2. ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS DE SALVAGUARDA -
VALE A PENA INVENTARIAR?**

PROFESSORA DOUTORA ANA FLÁVIA MIGUEL

As singularidades da candidatura do Kola San Jon a património cultural imaterial em Portugal

No dia 16 de outubro de 2013, a Direção-Geral do Património Cultural publicou, em Diário da República, o anúncio¹ da inscrição do Kola San Jon (KSJ) no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (PCI) em Portugal. Este foi o segundo item a ser incorporado no Inventário Nacional e a minha participação neste processo, como investigadora co-responsável pelo dossier de candidatura, decorre de um convite feito pelo Grupo de Kola San Jon (1991) acolhido institucionalmente pela Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ), uma associação sediada no Bairro da Cova da Moura desde 1984. A minha associação a este processo também decorre da relação de trabalho e de proximidade que mantive com o grupo de KSJ desde que iniciei uma investigação no domínio da etnomusicologia e aos trabalhos académicos que tinha produzido e que eram úteis para a argumentação da candidatura².

Mas o que é o Kola San Jon? E o que torna esta candidatura tão singular?

¹ Anúncio N°323/2013 – “Inscrição do ‘Kola San Jon’ (Bairro do Alto da Cova da Moura, Amadora) no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial”. Diário da República, 2ª Série - N°200 - 16 de outubro de 2013

² Refiro-me à minha dissertação de mestrado “Kola San Jon, música, dança e identidades cabo-verdianas” (2010) acessível em <http://hdl.handle.net/10773/1232>, ao artigo “Eu volto mas volto, diferente! - (Re)visualização e legitimação da cabo-verdianidade numa viagem a Cabo Verde” (2010) acessível em <http://hdl.handle.net/10773/35108> e ao artigo “Quatro estudos de caso em Portugal, Cabo Verde, Moçambique e Brasil” (2011) acessível em <http://hdl.handle.net/10773/12516>

O Kola San Jon é uma prática performativa polissémica, de matriz cabo-verdiana, que inclui música, dança e práticas ritualísticas marcadas pela devoção a São João Baptista. Em Portugal, a festa de KSJ acontece anualmente no sábado mais próximo do dia 24 de junho, dia de São João, no bairro da Cova da Moura (Kova M), na Amadora. O evento tem como elemento central um cortejo que percorre as ruas do bairro no qual os intervenientes tocam tambor, “kolam” (executam a dança da umbigada) e transportam diversos artefactos dos quais destaco o “navio”, estandartes com imagens dos santos juninos, rosários (colares de flores de papel e alimentos), bandeiras, pés de milho, cestos e ramos construídos com alimentos frescos. O percurso inclui várias paragens para homenagear alguém, para promover e dar visibilidade a alguma atividade ou para reivindicar alguma necessidade das pessoas ou do bairro. O sinuoso percurso também evidencia o uso de todo o espaço e a delimitação das “fronteiras” físicas do bairro. Para além da festa, o grupo de KSJ participa ainda em eventos com perfil diversificado, tendo uma “versão” de palco para algum tipo de atuações.



Figura 1 - Imagem da Festa de Kola San Jon a 21 de junho de 2014, a primeira festa após a inscrição no Inventário Nacional

Há três singularidades desta candidatura que é importante salientar neste texto. Em primeiro lugar, o modo verdadeiramente *bottom up* como a candidatura foi construída. A ideia surgiu do grupo de KSJ que procurou apoio e colaboração junto de uma rede de pessoas que inclui a direção da ACMJ, investigadores com relações próximas com o bairro, moradores, realizadores e fotógrafos com trabalho realizado localmente, designers e pessoas “amigas” da cultura cabo-verdiana. Os membros do grupo de KSJ dedicaram-se a procurar nos “baús” documentos e imagens, o realizador Rui Simões participou com imagens de filmes, o fotógrafo Rui Palha cedeu várias das imagens que retratam o KSJ, a designer Inês Veiga criou o logótipo do KSJ como PCI, a Universidade de Lisboa colaborou através de Júlia Carolino (investigadora corresponsável do dossier), a Universidade de Aveiro participou não só através do trabalho que desenvolvi com Júlia Carolino mas também através da participação de um bolsheiro de investigação que editou o filme da candidatura³. Menciono estas colaborações entre muitas outras. Mas o que é verdadeiramente importante é o modo como o processo ultrapassou o universo do KSJ em si. No fundo, foi uma colaboração por uma causa, por uma comunidade e por um bairro. Não houve apoio institucional ou financeiro de nenhuma freguesia ou município e durante cerca de um ano e meio, o dossier foi construído colaborativamente com todas e todos, num trabalho que incluiu encontros coletivos periódicos⁴.

A outra singularidade tem que ver com o facto de o segundo item a ser patrimonializado em Portugal ter como protagonistas uma comunidade migrante. Se num primeiro momento pode parecer surpreendente aos olhos de algumas pessoas (e refiro este aspeto a partir do feedback que tenho tido ao longo dos últimos 11 anos), não devemos esquecer que um inventário serve precisamente para registar ou listar as práticas culturais que acontecem num determinado lugar ou país. Trata-se do inventário “em” Portugal, e “em” Portugal acontecem muitas práticas que não são de matriz portuguesa.

Finalmente quero salientar a singularidade que provavelmente adquire maior significado e impacto social. Refiro-me à inclusão do bairro da Cova da Moura como património

³ Filme Kola San Jon (2013) – acessível em <https://youtu.be/KMmXnDBu85E?si=NmgBLhDNt3QroyL1>

⁴ Para mais informações sobre o modo como a candidatura foi construída, sugiro a leitura de “Skopeologias: músicas e saberes sensíveis na construção partilhada do conhecimento” (Miguel, 2016) acessível em <http://hdl.handle.net/10773/17609>

imóvel associado ao Kola San Jon. E por que razão é importante destacar a inclusão do bairro como património associado? Porque o bairro foi construído pelos próprios habitantes através do que eles chamam de "Djunta Mo"⁵ e desde 2002 esteve sob ameaça de demolição. O governo português pretendia dar autorização para a construção de novos edifícios na Kova M, o que implicaria deslocar as pessoas para outros bairros. Para além de todas as questões humanas, emocionais e sociais que estes processos têm, no caso do Kova M é importante salientar que a cultura cabo-verdiana está fortemente ligada ao espaço público (que molda as práticas sociais e musicais) e que o espaço público é uma extensão do espaço doméstico. No que diz respeito ao Kola San Jon, perde todo o seu significado sem o espaço associado à sua performance e por essa razão, a inclusão do bairro como património associado pareceu-nos fazer todo o sentido.

⁵ Djunta Mo é uma expressão crioula que significa unir as mãos, ajudar-se mutuamente.

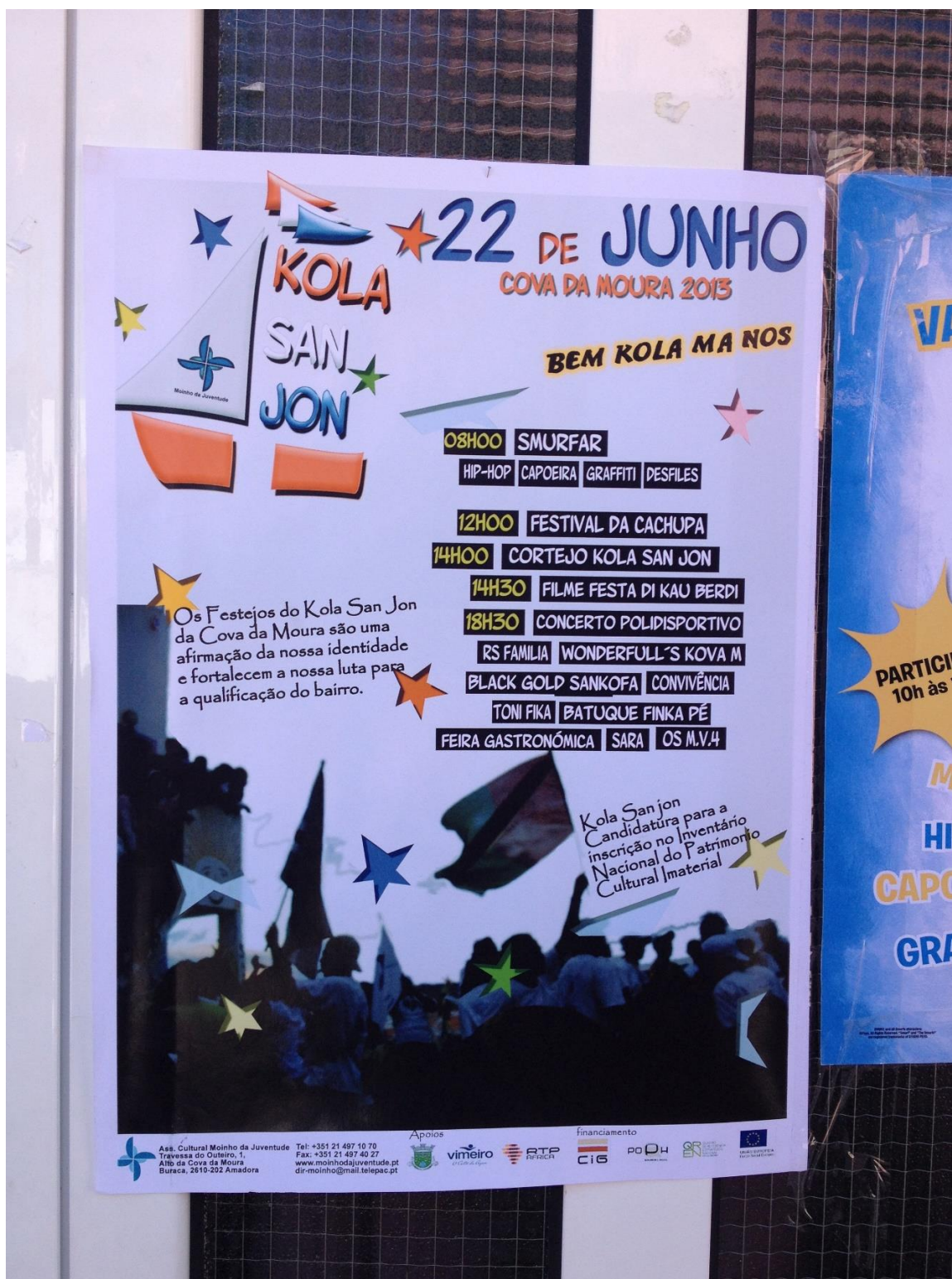


Figura 2 – Imagem do cartaz da festa de Kola San Jon em 2013 em pleno desenvolvimento do processo de candidatura. Nesta imagem saliento a mensagem “os festejos do Kola San Jon da Cova da Moura são uma afirmação da nossa identidade e fortalecem a nossa luta para a qualificação do bairro”.

Em jeito de balanço pós patrimonialização, posso afirmar que este processo constituiu um fator de legitimação da cultura cabo-verdiana e de criação de pontes de diálogo com grupos, com associações e com instituições portuguesas. Este texto e a minha participação no seminário promovido pela Área Metropolitana do Porto⁶ é disso exemplo. Para concluir, quero manifestar o meu desejo de num futuro próximo podermos ter um inventário verdadeiramente plural. Espero que chegue rapidamente esse dia em que o “caso” do Kola San Jon seja apenas o primeiro de muitos outros “casos”.

Paredes, 20 de setembro de 2024

Professora Doutora Ana Flávia Miguel

Universidade de Aveiro / Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança

⁶ Refiro-me ao Seminário “Património Cultural Imaterial. Inventariar, preservar e valorizar” organizado pela Área Metropolitana do Porto a 20 de setembro de 2024 no Centro Cultural de Paredes.